BOCAGE JUNTO A KAFKA E A OVÍDIO

O imaginário possibilita a armadilha. A ausência de memória consolida-a.

Acontece apanhar no enredo, por vezes, figuras dignas de destaque que sofrem o banimento ou a difamação, vergando-as a um anedotário injusto, passando-as ao futuro para as imobilizar num rincão sóbrio quando, dignas de patamar ensolarado e de melhor reconhecimento, sofreram a ignomínia de alguns, a perfídia de outros, a ignorância de tantos, impedidas assim de chegar mais longe.

Digno deste registo, vítima desse aprisionamento e do mistério em que a sua biografia sempre andou velada, Manuel Maria Barbosa *du* Bocage, figura proeminente da poesia portuguesa, ponto alto do Arcadismo, não detém ainda hoje o estatuto que merecia.

Bocage foi vítima de uma estranha metamorfose, que o transforma de jovem promissor num exilado por vontade própria – alista-se na marinha e parte para Goa, é elevado à patente de Tenente e dois dias depois foge para Macau, num rasto até hoje pouco nítido e onde o aventureiro e o bardo neoclássico se dissipam no nevoeiro de uma memória por descobrir e contar. A mesma ação de vida que o modifica de primitivo jovem promissor pela metamorfose em homem de vida intensa - mas precária já que findou (vítima de um aneurisma) ainda mal completara 40 anos de idade; Bocage teve a qualidade de estudar e amar os clássicos e, entre outras prendas, deixar-nos uma tradução das *Metamorfoses* de Ovídio, razão pela qual o chamámos à colação deste texto.

É sabido que as *Metamorfoses* pela tradução de Bocage também são em si mesmas uma metamorfose, operada entre o original em latim composto por versos hexâmetros heroicos, e a forma como são traduzidos, como decassílabos, por Bocage, proporcionando uma outra beleza à sedução original do texto. (Mariposas que geram mariposas, diríamos).

A leitura da tradução de Bocage, entretanto, lança-nos em algumas evidências: as metamorfoses de Ovídeo, plurais, divinas, ousadas, são comparáveis à *Metamorfose* de Kafka, em alguns traços, mas incomparáveis e distantes, díspares do outro lado da comparação.

A pergunta que nos deixam é esta: não somos todos nós, essencialmente, metamorfoses?

"Também o corpo se transforma constantemente, sem pausa alguma, nem seremos amanhã o que fomos antes ou o que somos", diz o poeta que narra mais de 200 mitos de mudança de forma — de deuses para humanos ou para elementos da natureza!

Se atentarmos nas sugestões enciclopédicas, as metamorfoses animais são reduzidas a cerca de uma vintena de espécies: borboletas e traças, escaravelhos, abelhas, vespas e formigas, moscas, mosquitos, gafanhotos e grilos, hemípteras, rãs e sapos, salamandras, cecílias (um tipo de anfíbio), aranhas, crustáceos, como caranguejos e lagostas, moluscos como caracóis e lesmas, equinodermes como os ouriços-do-mar e as estrelas-do-mar... Mas atentemos: o que dá origem o feto, o bebé que fomos? Como nos transformamos no idoso que se distanciou de nós?

O romano Publius Ovidius Naso[1], o nosso Ovídio, entendia a escrita como suavidade, um reduto de harmonia. Para Kafka, a escrita é o que faz pulsar o homem, pois

[1] 43aC-18dC

é agitação e parente da angústia. Quanto a ele, a escrita é o desejo de um lugar inalcançável, um trabalho a tempo parcial que não trocaria de bom grado por qualquer outro. Todavia, o nexo entre os dois é mais evidente: a despeito das ambições paternas, Ovídio e Franz Kafka perseguem os seus sonhos. Franz Kafka afastando-se da burocracia, dos negócios, das expectativas formuladas por Herman Kafka, o seu progenitor retratado, por vezes, como um homem maior do que a própria sombra que projetava. O pai de Ovídio ambicionava para o filho uma carreira administrativa, projeto gorado quando, após uma viagem, ao lado de seu amigo Pompeu, pela Grécia, Ásia Menor e Sicília, Ovídio se fascina com as associações mitológicas emanadas da paisagem helénica esquecendo outros projetos de vida e tornando-se poeta, mesmo que isso fosse o oposto de riqueza e honrarias.

Ovídio, retrata a transformação de pessoas em animais, rios e pedras. Franz retrata as pessoas como animais (Gregor Samsa em *Metamorfose*), os animais como pessoas (*Pedro o Vermelho*, a história de um macaco que imita os humanos em "Um Relatório para uma Academia" de 1917)), a natureza vista pela janela, também a neve, os rios e as pedras como personagens intensos (sempre adulterados, sempre ao serviço da interpretação do que é ou não humano, como no conto, menos conhecido, Der Kübelreiter, *O cavaleiro do balde*, escrito em 1916 na pequena casa da rua dos Alquimistas, em Praga, que dividia com a irmã mais nova, Ottla. O conto só seria publicado na Alemanha em 1920. Kafka foi diagnosticado com tuberculose em agosto de 1917.

Nesta passagem deste nosso texto, ecoam as linhas escritas por Ovídio

> Antes do mar, da Terra e Céu que os cobre
> Não tinha mais que um rosto a Natureza:
> Este era o Caos, massa indigesta, rude
> E consistente só num peso inerte[2].
> (Ovídio.p.41).

"Toda a arte de Kafka consiste em obrigar o leitor a reler[3]" – dizia Albert Camus (Camus, 2004:89).

Cinge-se a conclusão: o imaginário possibilita a armadilha, o realismo configura-a. A ausência de memória consolida-a. A rememoração dá-lhe a amplitude. Veja-se a grande metamorfose de Bocage, ao protagonizar a transição estética e mesmo ideológica da tradição arcádica neoclássica para o romantismo. Note-se como os poetas se transfiguram e encontram, se mimetizam por vezes – e como chamamos poetas a Bocage, a Ovídio e até a Franz Kafka, pela forma única como expressa emoções, sentimentos ou

---

[2] Para as *Metamorfoses* de Ovídio, usámos a tradução de Bocage: Ovídio, Metamorfoses (seleta Bilíngue Traduzida Por Bocage) Editora Concreta (2016). Disponível em linha, no sítio da rede *https://archive.org/details/OvdioMetamorfosesseletaBilngueTraduzidaPorBocageEditoraConcreta2016*.

Para possível cotejamento

OVÍDIO. (*2024*). *Metamorfoses.* Lisboa: Penguim clássicos. Tradução, introdução e notas de Paulo Farmehouse Alberto.

[3] CAMUS, Albert. (2004). *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o Absurdo.* Rio de Janeiro: Record. Tradução Ari Roitman, Paulina Watch.

ideias, obrigando-nos a fazer exatamente o mesmo, como se de uma metamorfose se tratasse e nos arrebatasse, transfigurando.